

Vândalos? Que vândalos???

Falamos feitos papagaios e prolongamos, deste modo, uma longa tradição de violência



Vândalo:

s.m. Indivíduo dos vândalos, tribo germânica de bárbaros que invadiu o Império Romano no início do séc. V d.C.

Junto com outros bárbaros, os vândalos contribuíram para o declínio do império. Os vândalos provavelmente não eram mais destruidores que os outros bárbaros, mas a palavra vândalo passou a designar aquele que destrói ou arruína coisas valiosas. (<http://www.dicio.com.br/vandalo/>)

sm. 1. Membro de um povo germânico de bárbaros que devastou o Sul da Europa e o Norte da África. 2. *Fig.* Destruidor de monumentos. 3. *Fig.* Quem nada respeita.

(Mini Aurélio)

Eis são duas definições oriundas de dicionários populares no Brasil. O primeiro on-line, o segundo impresso.

A grande maioria, neste país pouco inclinado à educação, não recorre um nem outro. Capta uma palavra pela mídia em massa (dos telejornais, sobre tudo da Globo) e incorpora a palavra no sentido que vem sendo apresentado: baderneiro (tumultuador, caçador de confusão, desordeiro), no caso do "vândalo". Sem qualquer análise crítica. Porque tanto em casa quanto na escola pública brasileira (vulgo matadouro público d fantasia e raciocínio de crianças), tampouco, tem discussão sobre as palavras, seu significado, sua origem, seu (mau) uso. O que leva a e resulta em mais uma lavagem cerebral cumprida pela mídia em massa.

Mas mesmo aqueles poucos (e extraordinários no contexto brasileiro) que sim querem saber e busquem informação, por exemplo, nos dois dicionários acima citados, não obtêm garantia de saber (toda verdade). Antes sofrerão o mesmo: Outra manipulação, outra lavagem cerebral.

Como assim?

- 1) Os Vândalos não eram um povo, nem uma tribo. Era uma multidão de muitos povos (provável e predominantemente de origens germânicas) em movimento pela Europa da época. Houve fome na Ásia (provavelmente devido a uma grande seca) e povos de lá começaram a migrar/empurrar ao oeste, provocando assim uma reação de cadeia. Empurrando outros povos em fuga diante de si. A palavra vândalo vem da antiga palavra germânica wandal (errante, nômade). E até hoje, no Alemão moderno, "wandern" significa caminhar, fazer passeio a pé, trekking.
- 2) Os Vândalos certamente não eram mais destruidores que todos os outros grupos ou povos de sua época. Em comparação direta com os Romanos pareciam antes "anjinhos". Não só NÃO "devastaram" o Sul da Europa e o Norte da África, mas contribuíram muito para seu desenvolvimento econômico, político e artístico. Tanto, alias, que até hoje em dia muitos Berberes (povo nativo do litoral mediterrânea da África) se orgulham de terem, também, antepassados vândalos!
E com respeito ao "Saque de Roma" em 455 a.D. sabemos (ao menos os poucos que se fazem o trabalho de pesquisar e aprender) que foi uma das mais civilizadas e brandas capturas de uma capital inimiga durante uma guerra das quais temos conhecimento. Tanto no que tange a população romana quanto aos prédios e a infra-estrutura. Enquanto os exércitos romanos eram especialistas em matar todos e saquear tudo e queimar o que não podiam levar (vejam só o tão civilizado e até hoje em dia nos livros didáticos tão salientado Júlio César em ação na Gália, com 1-2 milhões de Gauleses mortos e outra milhão escravizada e vendida) os relativamente mansos Vândalos fizeram até um pacto com o papa Léio I. e se comprometeram a não destruir a cidade em caso de vitória.
Venceram e honraram o acordo. Pegaram estatuas (que depois colocaram nas suas próprias igrejas em Cartago), pegaram o tesouro do templo de Jerusalém e desmontaram o teto de ouro do Templo de Júpiter. Além disso, ainda levaram a viúva do Imperador e sua filha Eudocia. Já que esta última foi a razão imediata do ataque contra Roma.

Eudocia, filha do imperador romano Valentiniano III. teve sido prometida como esposa ao filho do rei vândalo Geiserich para forjar uma aliança entre as duas forças mediterrâneas. Valentiniano, porém, foi assassinado pelo usurpador Petronius que deu a Eudocia como mulher ao seu próprio filho. Ai desencadeou toda confusão...

Uma das mais confiáveis fontes de informação em geral, a "Enciclopédia Britânica", afirma a respeito do assunto o seguinte: "(...) não parece haver na história da captura de Roma pelos Vândalos nenhuma justificativa para a acusação de destruição caprichosa e gratuita de prédios públicos que está implicada na palavra vandalismo".

- 3) Sobra a questão do por quê? Por que, então, usamos uma palavra tão errônea, tão difamatória, tão discriminadora (para não dizer racista) contra os inocentes Vândalos?

A resposta está numa única palavra: porque somos ignorantes!

É nossa própria culpa. Quem aprende "dos outros" sem checar suas fontes torna papagaio. Ou Mario-vai-com-os-outros.

Ainda, porém, resta mais uma pergunta: Como ou quem começou com essa bobagem, e por quê?

E está questão nos leva de volta ao momento quando os Vândalos decidiram abandonar o sul da Espanha e atravessar o estreito de Gibraltar.

Chegados ao litoral da África não enfrentaram muita resistência. Antes o contrário. Os Berberes nativos os vieram como aliados contra o jugo colonial do Império Romano. Também os muitos Arianos, cristãos que não acreditam na trindade propagada pela doutrina católica, e que sofreram perseguição pela Igreja Católica de Roma e até cidadãos romanos como os Donatistas que não aceitaram a Igreja Católica como Igreja de Estado (onipotente). Houve, portanto, muito apoio aos Vândalos. E só com esta maciça ajuda popular sequer conseguiram se estabelecer na África romana e tomar sua capital Cartago.

Os Vândalos, já uma conglomeração multi-étnica e sem preconceitos étnicos e/ou culturais adotaram o modo de vida romano e a língua latina e fomentaram o cristianismo ariano através da construção de igrejas. O que aumentou muito mais ainda sua popularidade entre os habitantes predominantemente arianos.

Quem não gostou de tudo isso, logicamente, foram os representantes da Igreja Católica e o latifúndio romano (que lucravam bem com a ocupação romana). Ou, num só palavra: "os cartolas".

E quem escreve a História (ou, melhor dito, manipula e distorce-a em seu próprio favor) são sempre os vencedores. E mais ou menos 80 anos após "o saque de Roma" chegou o fim do Reino dos Vândalos. Exércitos bizantinos (Roma Oriental) restabeleceram a velha ordem (colonial e católica e latifundiária).

Os Arianos foram forçados a confirmar a fé católica (ou mortos), sobreviventes guerreiros vândalos foram integrados nas legiões romanas e as mulheres escravizadas e forçadas na concubinação com os soldados vitoriosos. (Estilo civilizado romano...)

Nenhum saque nem nada! Eis foi "o crime imperdoável" dos Vândalos: De terem enfrentado o monopólio de poder da Igreja Católica! Um monopólio determinado pelo imperador Constantino no século IV.

Constantino, quando ainda pretendente, fechou um pacto com os católicos (que então formaram uma pequena, porém, cobiçosa de poder e rigidamente organizada comunidade religiosa entre centenas de outras, também cristãs, no Império Romano) porque compartilhavam os mesmos objetivos: chegar ao topo do poder e monopolizá-lo.

Constantino no poder profano, a chefia católica na "área sagrada". Um ajudaria ao outro e juntos eliminariam todos os concorrentes. Combinado, feito.

Constantino foi um perverso ditador sangrento - a antítese encarnada do pacifista Jesus de Nazaré - que travava guerras civis durante 20 anos, eliminou sucessivamente todos os seus concorrentes, e, uma vez no poder, qualquer um que ousasse pensar (e se for apenas supostamente) diferente e, também, as famílias dos infelizes, e até seu sogro Maximiano, seus cunhados Licinius e Bassanius, a própria esposa Fausta e seu próprio filho Crispo.

Sempre apoiado pelos aliados católicos na sua obra de assassino em massa. Em troca proibiu todas as religiões fora a católica, construiu igrejas para os católicos e ajudava a nova igreja única na sua impiedosa caça de concorrentes pagãos e hereges, realizada com igual brutalidade assassina. (Alias: o Constantino é considerado, ate HOJE, um santo no calendário dessa igreja...)

E este processo secular em plena fervura da parte da Igreja de Roma de eliminar TODOS os concorrentes mundo afora sofreu uma séria interrupção com os Vândalos. Que não só negaram a autoridade absoluta (“divina”) dela, mas apoiavam os Arianos.

“Pecado mortal” no mundo intrigante e inescrupuloso da política de poder. E assim não surpreende que o criador dos Vândalos difamados e distorcidos, aquele que tornou vândalo (falso) sinônimo de todas essas coisas (que infelizmente até hoje em dia achamos no dicionário mais popular de Brasil, o Mini Aurélio) foi um clérigo católico do alto escalão: o bispo (francês) de Blois, Henri-Baptiste Grégoire.

E nesta pequena excursão pela História e pela etimologia temos embutidos outros exemplos de palavras que aplicamos feitos ignorantes que nem papagaios:

Bárbaro e Baderneiro e (sem ser mencionado) Anarquista. Todas elas conotadas negativamente. Num sentido semelhante senão igual ao Vândalo.

Vamos olhar, mais uma vez, como são definidas (explicadas) essas três palavras pelos dicionários, primeiro o virtual, e segundo impresso:

Significado de Bárbaro

adj. e s.m. Que não tem leis nem civilização: povo bárbaro.

Contrário às regras ou ao uso; incorreto: termo bárbaro.

Rude, grosseiro; cruel, feroz, selvagem.

(www.dicio.com.br)

adj. 1. Entre os gregos e romanos, aquele que era estrangeiro. 2. Sem civilização; rude. 3. Cruel, desumano.

(Mini Aurélio)

Significado de Baderna

s.f. Matulagem, pândega, súcia.

Rolo, confusão, briga.

(www.dicio.com.br)

sf. V. confusão.

(Mini Aurélio)

Significado de Anarquia

s.f. Sistema político e social segundo o qual o indivíduo deve ser emancipado de qualquer tutela governamental.

Estado de um povo que, virtual ou realmente, não tem mais governo.

P. ext. Desordem, confusão: uma instituição onde reina a anarquia; a anarquia dos espíritos.

Sinônimos de Anarquia

Sinônimo de

anarquia: [acracia](#), [atrapalhação](#), [barafunda](#), [confusão](#), [desordem](#) e [desorganização](#)

(www.dicio.com.br)

sf. 1. Falta de governo ou de chefe. 2. Confusão ou desordem disso resultante.

(Mini Aurélio)

Vândalo, baderneiro, bárbaro, anarquista. Uma só coisa então: *Quem caça confusão, desordeiro selvagem que carece de civilização.*

Eis a interpretação dessas palavras segundo a convicção regente reforçada pelos dicionários que deveriam, na verdade, ajudar para entendermos o genuíno sentido das palavras.

Vamos olhar essas palavras um pouco mais de perto.

No caso do bárbaro é pura xenofobia, preconceito e difamação etno-cultural nítidos: Tudo que não é como nós (não fala a mesma língua, tem tradições e costumes diferentes) é automaticamente grosseiro e cruel e desumano. (Porque nós sim somos a medida do positivo.)

E já que ambas as antigas culturas que aplicaram tal discriminação etno-cultural, a grega e a romana, escreveram (contrariamente a maioria dos povos "bárbaros") enraizou e ficou o preconceito que desde mais do que dois mil anos vem sendo transmitido incansavelmente. De cópia em cópia. De geração em geração. Até hoje em pleno século XXI, nos dicionários acrílicos e, portanto, pouco confiáveis.

A palavra de baderneiro, também, carrega discriminação. Na verdade até duas. Quando em meados do século XIX chegou ao Rio uma dançarina européia de nome Marieta Baderna, aconteceu que suas apresentações causaram certa exaltação entre a população masculina das camadas mais populares. Tudo mundo queria ver o novo “símbolo de sexo”. Tornaram “os badernos”. Apelido pejorativo à própria dançarina e a “tumultuosa” (reles, porque pobre e com comportamento dito não digno) torcida.

No caso do uso pejorativo (e distorcido) da palavra anarquista são claros motivos políticos e econômicos. Afinal, o anarquista é seguidor de uma filosofia (visão do mundo, utopia) que visa o fim de todo poder. De uns sobre outros. Sem governo, sem rei, sem patrão, sem nenhuma autoridade. Tudo organizado em cooperativas entre iguais. Situações, alias, que também já foram alcançadas em alguns momentos da História contemporânea. Por exemplo em partes da Espanha (na Catalunha sobre tudo), antes o general Franco com o apoio dos Nazistas alemães e da Igreja e do latifúndio conseguir derrubar e atropelar o povo em plena organização autônoma. E hoje em dia no sul mexicano, sobre tudo em Chiapas. Onde grande parte da área é controlada pelo povo (índigena) autônomo. Que expulsou seus flagelos e opressores seculares. E é protegido (contra a reação violenta dos latifundiários, do exército nacional, da polícia e dos esquadrões de morte) pelo EZLN.

E mesmo assim, com exemplos (pré-) históricos e contemporâneos que a anarquia (= a ausência de chefias e estruturas autoritárias) pode dar certo na prática lemos no Mini Aurélio a seguinte lavagem cerebral (o mantra dos cartolas poderosos): Anarquia é “Falta de governo ou de chefe (e) confusão ou desordem disso resultante.”

A linguagem, as palavras são um instrumento importante de condicionamento das pessoas que a usam. De manipulação e, portanto, de controle. Cabe a nós questionar, pesquisar e descobrir a verdade. Bem mais fácil hoje em dia com a infinidade de informações acessíveis.

E têm mais exemplos que comprovam e reforçam nossas descobertas ate agora feitas. A respeito do jogo malicioso feito com as palavras que usamos sem entendê-las plena ou genuinamente.

Vamos consultar novamente os dicionários:

Índio:

s.m. Metal branco de símbolo In, número atômico 49, massa atômica 114,818, que funde a 155°C e que se extrai das blendas de Freiberg (Saxônia).

Sinônimos de Índio

Sinônimo de índio: [indígena](#) e [selvagem](#)
(<http://www.dicio.com.br/indio/>)

Negro/Preto:

adj.

1. Cor do carvão e da noite sem estrelas; preto: vestido preto.
2. Que é de cor escura; sombrio.
3. Fig. Triste, melancólico; funesto: período negro.
4. Que é de um dos povos africanos com pele negra, cabelo crespo e outras características; preto: povos negros, África negra, brasileiros negros.

S.m.

4. Pessoa que é de um dos povos negros, ou deles descendente: O presidente dos EUA é negro. Hoje há negros brasileiros em todas as profissões e camadas sociais.
5. Fig. No Brasil, até 1888, escravo.
6. Fam. Trabalhar como um negro, trabalhar muito; trabalhar como um mouro.
7. Bras. Meu negro, tratamento familiar carinhoso usado no Brasil desde o século XVIII, equivalente a "meu bem"; meu nego
(<http://www.dicio.com.br/negro/>)

Gringo:

s.m. Bras. Depreciativo. Estrangeiro, especialmente louro ou ruivo.

Estrangeiro que mascateia, vendendo a prestação.

(<http://www.dicio.com.br/gringo/>)

Paraguai:

Exemplos com a palavra Paraguai

Segundo a SSP (Secretaria da Segurança Pública), o motorista foi preso e afirmou que receberia R\$ 5.000 para transportar a droga do **Paraguai** até Ribeirão Preto (313 km de São Paulo), onde seria comercializada. *Folha de São Paulo, 29/06/2009*

(http://www.dicio.com.br/paraguai_2/)

Índio, Negro, Gringo, Paraguai. Mais quatro palavras que no contexto atual do uso corriqueiro do Português brasileiro se ouve a miúdo. E quase sempre aplicadas dum modo pejorativo, discriminatório, racista.

No dicionário virtual o substantivo Índio só denomina um elemento metálico. Os habitantes das Américas (assim batizados pelos primeiros Europeus que pensavam terem chegados à Índia) nem existem! (Falha grave ou representação do sonho dos Ruralistas – um Brasil sem Índios?) Mas o adjetivo já revela: selvagem. Sem civilização. (Que nem os bárbaros..., veja acima.)

E quem não teve o azar ainda de ouvir o comentarista de futebol Neto, da TV Bandeirantes? Equiparando qualquer equipe sem ou com, na sua visão, um errado esquema tático de “bando de índios”? Racismo, ao menos retórico, nítido. E quem fala na e pago por uma rede de televisão não tem desculpa. Tem de pensar e saber ANTES de abrir a boca. Porque cada vez que prolifera um estereótipo racista contribui ao seu prolongado enraizamento.

E não posso deixar de afirmar outra vez o que tantas vezes, em outras publicações, já afirmei: Se “o modo índio” representa o selvagem, então prefiro ser selvagem também. Afinal eles moravam aqui milhares de anos e não fizeram nada daquilo que “os civilizados” conseguiram em relativamente pouco tempo: Poluir todos os rios, envenenar o solo, intoxicar o ar (das grandes cidades), acabar com a maior parte de fauna e flora, criar uma humanidade

completamente estratificada e controlada, com uns poucos que possuem tudo e mais, com muitos outros que mal conseguem sobreviver, com burocracias e regentes cujos únicos dons parecem ser a corrupção e o saqueio de bens comuns, substituir a alegria natural e humana de viver pela corrida louca e infinita do consumismo de coisas efêmeras e supérfluas...

Faço questão de ser mais “um Selvagem” diante essa “civilização” da violência e destruição!

Funesto e sombrio são outros significados para negro, segundo o dicionário virtual. (E o Mini Aurélio é mais radical ainda, nele achamos sinônimos para a palavra preto como “sujo, perigoso, difícil”!)

A pessoa negra, portanto, é funesta (nociva), suja, perigosa...

Eis um paradigma da violação da linguagem por fins políticos e econômicos. Afinal se a cor preta fosse considerada nobre – como já era!, ANTES da bula (Romanus Pontifex) do papa Nicolau V. que “legitimou” com a voz infalível e oficial de Deus, segundo a doutrina católica, a escravização de Africanos e Africanas, comércio este que levou a Europa da pobreza pra seus séculos de riqueza, riquezas erguidas com sangue, suor e lágrimas africanas – como poder-se-ia tratar e gastar e torturar seres humanos de cor de pele negra pior que qualquer animal? Sistemáticamente? Através de séculos?

Aí entrou, entre outros fatores como a invenção das raças, o rebaixamento retórico de seres humanos de pele escura. Para poder aliviar a própria consciência pesada. Afinal, com a palavra do papa e as “provas científicas” da existência de raças e entre essas de raças superiores e inferiores e a equiparação semântica da cor negra com sujeira e desgraça e nocividade..., mulheres e homens pretos (quase) nem era mais gente. Meio besta. Perigosa. Funesta. Que precisa ser domada. Só mesmo com o chicote e ferros quentes...

E nós, séculos após essas invenções interesseiras de papas e “cientistas”, continuamos com um pedaço deste edifício de mentiras propositalmente erguido dentro da gente. Através de palavras manipuladas, “enriquecidas” com forte conteúdo racista.

Na TV Bahia, uma filial da Rede Globo, pode-se ouvir a palavra gringo todos os dias. Aplicam-na sem menor restrito nem vergonha para qualquer jogador estrangeiro de futebol ou turista qualquer. Por via da regra. Da regra da

ignorância (e prepotência) de seus apresentadores. Qualquer dicionário, até os dois que estamos considerando aqui, deixa nenhuma dúvida: “Gringo” é uma palavra pejorativa.

E vale a mesma coisa já dita a respeito do comentarista Neto da Band: Quem trabalha e é pago por uma rede de TV e tem, portanto, um imenso poder de ou educar ou deseducar dezenas e centenas de milhares (senão milhões) de pessoas, tem a obrigação, moral e técnica, de saber o que fala.

Teria. Já que no Brasil, entre as lanternas de qualidade educativa do mundo em todos os rankings, é diferente. Aqui pode se ofender qualquer pessoa nascida em outro lugar fora Brasil à vontade. Publicamente e pago por isso. Belos exemplos de ignorância ofensiva e de corrente deseducação progressiva.

E não podemos esquecer, finalmente neste pequeno ensaio, a perversão que ocorre no País com a palavra Paraguai. O exemplo que o dicionário virtual dá já é uma bomba preconceituosa. Paraguai = País de onde vem a droga que acaba com o Brasil...

Aí me vem a pergunta: Por que assim? E não, por exemplo, Paraguai = País que produz a melhor Erva Mate? Ou: País onde 80% das terras férteis estão nas mãos do latifúndio brasileiro. O que deixa dezenas de milhares paraguaios sem-terra, e comunidades indígenas fumigadas com agro-tóxicos que as aeronaves dos barões de soja soltam várias vezes ao ano...?

O que, em seguida, os dicionários não indicam, embora que todo mundo sabe, é que “Paraguai” tornou um sinônimo para “ruim” e “falsificado”, outra palavra para qualquer coisa que não presta.

E por quê?

Porque há Brasileiros e Brasileiras de má fé que viajam ao Paraguai com o objetivo de aproveitar preços mais em dia lá e compram bugigangas feitas majoritariamente na China em lojas de Ciudad del Este cujos donos majoritariamente são Árabes (que atendem a demanda brasileira) para revendê-las de volta ao Brasil e burlar, assim, seus compatriotas (com estes produtos de péssima qualidade).

ONDE neste negocio de má fé no mais purificado espírito capitalista – porque unicamente importa é: MEU LUCRO – têm os maus Paraguaio envolvidos? Não produzem as bugigangas, nem vendem as pros consumidores desapontados. Mas levam a “fama”.

E ora, até pessoas que se julgam críticas e esclarecidas fazem uso deste racismo: Escutem o CD "Quebra Cabeça" de Gabriel o Pensador... Que, deste modo, é mais um deseducador nacional. Junto com os não idôneos das redes de TV (acima mencionados). E junto, também, com as legiões de professores e professoras país afora que nada ensinam ou fazem no sentido de esclarecer. De frear (e reverter) o uso de uma linguagem carregada de xenofobia, racismo, discriminação e ofensas.

O estudo da História faz sentido contanto que podemos evitar a repetição de erros anteriores.

Os capítulos mais sinistros (e NÃO "negros"!) da História como as cruzadas e "queimadas de bruxas" (promovidas por diversos hierarcas cristãos) o comércio transatlântico de escravos (com organizações como o Ku Klux Klan nos Estados Unidos até figuras funestos como o Feliciano aqui no Brasil ainda ativas neste propósito racista), a guerra de extermínio contra os povos indígenas às Américas (com a CNA chefiada pela senadora Kátia Abreu aparentemente perseguindo a conclusão deste "trabalho" aqui no Brasil) ou a meticulosamente planejada e organizada exterminação de judeus, ciganos, homossexuais por parte dos Nazistas (com grupos neonazistas ativos na Europa e no Brasil e em todos os outros países "civilizadas" por europeus) devem ser permanente alerta.

Todos estes crimes mais abomináveis contra a humanidade não aconteceram "de repente". Foram preparados anteriormente, também, por longos processos de degradações e infamações retóricas.

Os passos anteriores da violência física são humilhação e difamação e a agressão retórica. E vale sempre lembrar: Prevenir é melhor que remediar.

Temos que é reaprender usar o idioma liberto de suas distorções e conotações discriminatórias até racistas. O preto e negro deve voltar a ser o que antigamente sempre foi: uma cor. De preferência nobre. E mais nada.

O Índio a denominação errônea da parte de navegantes europeus para um ser humano descendente e membro dos povos aborígenes das Américas e mais nada.

O Judeu um ser humano que segue a fé (filosofia) judaica. E as despalavras judiar e judiação devem ser renunciadas.

Paraguai deve ser isso mesmo: um país. E mais nada.

Seres humanos que não nasceram no Brasil (para aqueles que ainda pensam em categorias nacionalistas que nem os camelôs do nacionalismo Galvão, Luciano do Valle e outros narradores do anacronismo nocivo) são estrangeiros. E nunca gringos.

E pessoas de caráter violento e brutal são isto mesmo: brutos e violentos, e NÃO vândalos.

E anarquistas são seguidores de uma utopia que visa a superação de qualquer hierarquia. Um mundo sem chefes nem chefiados. Só.

Porém, até hoje não conheço uma escola pública sequer onde se ofereça as matérias cidadania e tolerância.

Será que é mais importante saber fazer malabarismos de matemática abstrata e/ou recordar a fórmula química de bicarbonato de sódio do que saber o que realmente estamos dizendo e diminuir a violência? Numa sociedade que já é, de fato, a mais violenta do MUNDO. Onde o valor da vida humana se encontra em estado totalmente minimizado.

Será que é mais importante aprender que temos que limpar o quintal e as mãos, enquanto continuarmos usando palavras sujas ou num sentido sujo, que ofendem indivíduos e grandes grupos humanos e prolongam o chão fértil para doenças sociais como o racismo e a xenofobia e a intolerância em geral...?